



## **A recepção do documentário “Carne e Osso” – trabalhadores se veem personagens<sup>1</sup>**

Ilka GOLDSCHMIDT<sup>2</sup>

Mariângela TORRESCASANA<sup>3</sup>

Mirian Cruz<sup>4</sup>

Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó

### **RESUMO**

O presente artigo é o resultado de um estudo de recepção do documentário “Carne e Osso” com trabalhadores de agroindústrias do município de Chapecó (SC). O objetivo foi compreender como se dá a experiência fílmica de sujeitos que vivem a realidade apresentada no documentário. Partindo do pressuposto de que o documentário pode ser um instrumento de mobilização social, esta pesquisa se propôs a analisar como os sujeitos reagem à exposição em “tela grande” de situações do seu dia a dia. Através do estudo percebe-se que há uma forte identificação com os personagens do filme, mas esta não necessariamente gera uma “mobilização” no sentido da promoção de ações ou atitudes. É no campo da consciência, da percepção e da reflexão que o documentário provocou reações imediatas: emoção e indignação, logo contidas por um sentimento de impotência e conformismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário; estudo de recepção; Mídia Cidadã; trabalhadores; agroindústria

### **Introdução**

A mídia cidadã é aquela que oportuniza refletir e conseqüentemente agir de forma consciente e autônoma na sociedade. Para isso a mídia cidadã pode atuar como ferramenta na produção de sentido de determinada realidade, possibilitando ao cidadão atuar como sujeito de sua história, ou como elemento que desencadeia a identificação,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação Espaço e Cidadania – GP Comunicação e Cidadania do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa em Mídia e cidadania: complexidade, impasses e desafios, do Núcleo de Iniciação Científica de Mídia Cidadã da Unochapecó.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo; Professora do Curso de Comunicação Social da Unochapecó; Pesquisadora do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã; [ilka@unochapeco.edu.br](mailto:ilka@unochapeco.edu.br).

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal de Santa Maria; Professora do Curso de Comunicação Social da UNOCHAPECÓ; Pesquisadora do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã; e-mail: [mariangela@unochapeco.edu.br](mailto:mariangela@unochapeco.edu.br)

<sup>4</sup> Acadêmica de Jornalismo da UNOCHAPECÓ; Bolsista do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã; e-mail: [miriancruz@unochapeco.edu.br](mailto:miriancruz@unochapeco.edu.br)



reflexão e crítica sobre alguma particularidade do cotidiano. Na lógica da mídia cidadã, o documentário pode ser um instrumento para abordar, contar e questionar a realidade tanto da perspectiva da produção quanto da recepção.

Em várias oportunidades a Unochapecó, através do projeto de extensão “Documentário e Comunidade”, provocou diferentes comunidades a documentar o seu cotidiano e construir novas concepções sobre o que significa retratar a realidade, sobre o que envolve o processo de exposição midiática. O resultado apresentado no vídeo implica em diferentes percepções, desde o fortalecimento da auto-estima, da autoconfiança, da compreensão do papel dos sujeitos enquanto cidadãos. A proposta é clara, a comunidade utiliza o documentário como ferramenta para discutir as realidades que lhe convém se apropriando dos equipamentos e técnicas de produção audiovisual.

A pesquisa “Sujeito no Olhar” (GOLDSCHMIDT, 2009) analisou o que representaram as ações do Projeto Documentário e Comunidade para os moradores do bairro São Pedro (Chapecó) quanto à produção audiovisual e a percepção do lugar dos indivíduos cidadãos no documentário “São Pedro Diário”, produzido pela comunidade através do projeto. O resultado do estudo foi revelador. Os participantes do projeto perceberam que poucas pessoas se interessam por ações coletivas, mas reconhecem que esses poucos devem fazer a diferença e encontrar juntos os caminhos para uma sociedade mais justa. Eles entendem que ao assumir o relato de suas histórias de vida nas produções em vídeo estão contribuindo para formação de coletivos conscientes.

Considerando as experiências, vivências e reflexões possibilitadas pelo Projeto de Extensão Documentário e Comunidade, relatadas em vários artigos já publicados em livros (Relatos Brasileiros de Mídia Cidadã, 2010) e anais de eventos (Encontro de Professores de Jornalismo, 2008; Conferência Nacional de Mídia Cidadã, 2009 e 2010; Seminário de Iniciação Científica Unochapecó 2008, 2009, 2010, 2011; CBEU, 2011; Intercom Sul 2012) foi proposto um estudo sobre o documentário enquanto mobilizador da sociedade a partir de sua exibição, ou seja, sem pressupor a produção, apenas a recepção.

Estudar recepção implica em preocupar-se com a maneira como o receptor irá se portar diante de um fato. Esta pesquisa pretende contribuir para a construção de um conceito de mídia cidadã através de um estudo de recepção. Nesta percepção a proposta da pesquisa foi clara: utilizar um documentário como ferramenta para discussão de uma realidade em comum entre os sujeitos. Tais discussões foram em torno das condições de trabalho a que são submetidos os trabalhadores das agroindústrias no Brasil. O estudo



de recepção foi conduzido a partir de mapeamento de grupo focal, entrevistas individuais e classificação de perfis dos sujeitos que participaram de um cine-fórum onde foi exibido o documentário “Carne e Osso”. O espaço para debate contribuiu para que os trabalhadores pudessem expor suas experiências partindo da aproximação, ou não, com os personagens e situações apresentados no filme. Para a compreensão de como se deu a experiência de produção e proposta da temática do filme, foi realizada uma entrevista com um dos diretores do documentário “Carne e Osso”, Caio Cavechini.

### **Documentário e seus olhares**

O gênero documentário, ao abordar temas polêmicos, ao denunciar, ao transformar em personagens e roteiros vidas reais, extrapola o imaginário e desvela a realidade. Mas, os atores da vida real se enxergam sujeitos na tela do documentário? Pesquisadores como Vanessa Zandonade e Maria Cristina Fagundes (2003) defendem que o vídeo documentário pode ser um instrumento capaz de impulsionar a participação conjunta dos membros da comunidade em busca de melhorias. Para as autoras, o documentário representa um meio de comunicação pelo qual os indivíduos podem retratar a sua realidade, mobilizar as pessoas do meio em que vivem e a partir daí, construir novos conceitos e interpretações do mundo.

O estudioso Hélio Godoy defende que o documentário pode aparecer com um elemento de semiose ilimitada entre homem e realidade. “Os sistemas audiovisuais, tecnologias e linguagem à disposição do fazer documentário devem ser consideradas como extensões perceptivas e cognitivas do ser humano” (GODOY, p.17, 2001). O cinema pressupõe uma experiência subjetiva. Segundo Godard: “nem arte, nem técnica, um mistério” (Godard apud Gutfreind 2006, p.12). Para a professora Gutfreind (2006) essa ideia de Godard carrega um duplo sentido, o da arte-técnica, ou seja, o cinema transcenderia a noção de arte a partir do fato de sacralizar o gesto do homem, dando ênfase à ideia de comunidade humana e transcenderia também a noção da técnica como maneira específica de dar instrumentos ao sensível. Seria aí, portanto, que reside o “mistério” do cinema no sentido que prescinde de imagens animadas e da sensibilidade do pensamento humano.

Quando conceitua cinema, Barros (2012) defende que ele é muito mais do que uma expressão artística. O autor acredita que o filme, seja ele documentário – uma realidade percebida e interpretada – ou de ficção, é uma forma de representação, além de uma fonte histórica. Neste sentido, o documentário é um gênero cinematográfico, que se caracteriza como uma prática de narrativa de cinema, comumente chamado de



não-ficção, que na sua essência compromete-se com a representação da realidade. Além disto, constrói-se no entorno seu compromisso social e alicerça na não objetividade usual do jornalismo, mas pela subjetividade do olhar autoral do gênero.

Para Ribeiro e Moreira (2009) uma questão fundamental do gênero é a competência que ele tem em produzir uma série de interpretações, conhecimentos e multiplicações de pontos de vista. Os autores destacam, ainda, a capacidade que o documentário tem de interferir, de criar questionamentos e de deslocar olhares do senso comum para identificações variadas. Para Penafria, o documentário é sobre momentos mais profundos que se encontram sob imagens que vemos.

A partir da práxis documental, propomos aqui o conceito de Documentarismo já não apenas como um termo que designa essa mesma práxis, mas que se alarga para abarcar um modo de olhar o cinema que dele destaca a sua parte documental. O Documentarismo assume-se uma perspectiva que coloca em destaque diferentes modos de ver o mundo através do cinema e no cinema. No Documentarismo falamos de um cinema em que o gênero pouco importa (...) mas em que a realidade se manifesta inevitavelmente. (PENAFRIA,2009,p.79)

Nichols (2005) defende que o filme documentário não é uma reprodução e sim uma representação de objeto filmado. O autor afirma ainda que a visão autoral e a capacidade de representação do cineasta são capazes de contribuir para diferentes olhares acerca de uma mesma realidade. Representa uma acepção sobre o mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, 2005, p.47)

Ao contrário da reprodução, Nichols (2005) acredita que a representação não deve ser julgada pela fidelidade ao original, mas sim pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das ideias, dos pensamentos, do ponto de vista, da qualidade de orientação que a representação tem. Penafria (2009) confirma que embora seja uma representação, o “documentário é um termo que arrasta consigo um peso: a obrigação de ‘representar a realidade’” (2009, p.78). A autora reflete que o cumprimento ou não dessa promessa é o que motiva grande parte da discussão que rodeia o documentário. Para Da-Rin (2004), “o que mantém agregado num campo tão plural é o fato de que seus membros compartilham determinadas referências, ou seja, gravitam em torno de uma mesma tradição” (2004, p.19).



O documentário pode representar uma mesma realidade de diferentes ângulos, abordagens e formas, isto não quer dizer que haja distorções no entorno do “relatar” uma realidade, e sim que segue uma lógica do caráter autoral, que no conjunto acaba por interferir no resultado, bem como suas recepções. Para Amir Labaki, o documentário oferece justamente um embate entre a realidade filmada e a sensibilidade do cineasta, para ele é nisso que está a vanguarda do documentário contemporâneo. O diretor do principal festival de documentários do Brasil considera o caráter autoral como fundamental para a construção do filme.

Neste sentido, Bernardet (2003) argumenta que “as imagens cinematográficas do povo não podem ser consideradas sua expressão, e sim a manifestação da relação que se estabelece nos filmes entre os cineastas e o povo.” (2003, p. 09). O olhar do autor está presente desde a escolha da temática até a montagem fílmica, o que também estabelece um sentido sobre o que é apresentado e o que é idealizado. Sendo assim a representação da realidade filmada sempre estará condicionada à postura do documentarista.

### **O documentário Carne e Osso**

Produzido pela ONG Repórter Brasil, o documentário “Carne e Osso” foi dirigido pelos jornalistas Caio Cavechini e Juliano Barros. O filme tem 65 minutos de duração e apresenta relatos de vida de trabalhadores de agroindústrias brasileiras. Para se chegar à temática, Cavechini conta que durante dois anos a equipe de produção percorreu cidades das regiões centro-oeste, sudeste e sul, incluindo o município de Chapecó, a procura de histórias e relatos de vida que pudessem ‘mostrar’ como é o cotidiano de trabalho nos frigoríficos de aves, suínos e bovinos.

Segundo o diretor os dados que realmente chamaram a atenção foram com base em uma pesquisa do Ministério da Previdência Social, que provam que trabalhadores de frigoríficos estão expostos a mais riscos do que a média de todos os outros segmentos. “O que mais nos impressionou na construção da temática não foram os dados em si, mas os relatos de vida, os transtornos psicológicos e as histórias, somente as histórias seguraram o documentário inteiro. (Caio Cavechini em entrevista à pesquisadora no dia 01 de março de 2013.)

O documentário “Carne e Osso” foi lançado em 2011, tendo sido premiado em vários festivais, entre eles o festival “É tudo verdade” que o projetou nacional e internacionalmente. A abordagem privilegia depoimentos e imagens, algumas vezes bem impactantes. Falam funcionários, ex-funcionários, terapeutas, fiscais e representantes do Ministério do Trabalho. De acordo com os dados pesquisados para a



produção do filme, o setor de carnes emprega hoje no Brasil 750 mil trabalhadores e representa o terceiro item da balança de exportação do agronegócio brasileiro, só fica atrás da soja e do açúcar/etanol.

No documentário chama a atenção o depoimento da terapeuta ocupacional do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) de Chapecó, Juliana Varandas. No filme ela denuncia que cerca de 80% do público atendido na região são trabalhadores de frigoríficos. Segundo ela, o trabalhador adoece, é encaminhado para o INSS e não consegue retornar ao trabalho porque as empresas acabam contratando outras pessoas. O município de Chapecó é conhecido como a Capital da Agroindústria, portanto, no contexto desse filme está um dos principais segmentos econômicos do país. Para a região oeste de Santa Catarina, especificamente Chapecó, um negócio que gera uma cadeia produtiva responsável por grande parte da arrecadação de impostos e movimentação financeira.

Partindo da denúncia de fiscais do trabalho, Cavechini conta que enquanto documentarista tinha como premissa e desafio mostrar um setor produtivo que a todo tempo provoca a doença de seus trabalhadores, trazer esta realidade não para um público restrito, como da área da saúde ou jurídica, e sim para a sociedade como um todo, para o próprio consumidor do produto final. O diretor conta que estava determinado a mostrar esse trabalho, não faria o documentário sem imagens do processo produtivo nas indústrias.

Quando você se concentra em um documentário, você pensa: dá para fazer diferente, dá para ficar bom? Ou vai ser um documentário entre aspas, de 'ONG', com uma visão maniqueísta do mundo e falando que todo o empresário é malvado, que todo o trabalhador é coitadinho? Você tem que comprovar isso com histórias de vida. Não adianta você ficar na ideologia ou no discurso político da ONG. O documentário precisa superar as barreiras de público e chegar a outras pessoas que talvez não assistiriam esse documentário, ou não entram num site de direito do trabalho, não entram num site de exploração do trabalhador, enfim, tínhamos esse grande desafio. (Caio Cavechini em entrevista à pesquisadora no dia 01 de março)

Caio relata que para a captação das imagens para o documentário foi preciso contar com a participação de várias pessoas, inclusive trabalhadores dos próprios frigoríficos. Para ele, esse foi o ponto fundamental, a relação de confiança entre os diretores do documentário e os trabalhadores que, indignados, queriam tornar pública sua rotina. Foram dois anos de contato com funcionários e advogados trabalhistas. Uma



das estratégias para a captação das imagens dentro das agroindústrias foi entrar na linha de produção junto com os fiscais. Um grupo de cinco pessoas da Ong percorreu os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, e o Distrito Federal contatando a fiscalização local, a fim de utilizar destas fiscalizações para entrar na indústria e gravar essas imagens.

As histórias retratadas no documentário são de funcionários que sofreram pressões psicológicas e fisiológicas, situações que refletem diretamente na saúde de cada um deles, levando-se em conta as condições a que cada trabalhador foi submetido em seu ambiente de trabalho. Personagens que trabalharam por anos em uma mesma atividade, com movimentos repetitivos, tendo que cumprir metas. Em entrevista, Caio revela que nenhum perfil de personagem foi traçado, eles foram surgindo ao longo da pesquisa para o documentário. Entretanto, o principal objetivo era mostrar trabalhadores que estavam com sérios problemas de saúde, entre eles a invalidez.

Todos os personagens apresentados no documentário estão aposentados por invalidez pelo INSS. Cavechini ressalta que a cada dez personagens gravados para o documentário, apenas um ou dois entraram no filme. Ao decidir em utilizar ou não os depoimentos pesava sob a consciência dos diretores a situação de cada família envolvida. Muitos personagens filmados tinham cônjuges, filhos, parentes e amigos com vínculo empregatício com as agroindústrias. Cavechini conta que foram utilizados muitos depoimentos em “off” (sem mostrar os rostos). “Queríamos mostrar que havia muitas pessoas falando, muitas vozes diferentes”, explica o diretor.

Na entrevista para essa pesquisa, Cavechini também revela algumas dificuldades enfrentadas durante o processo de produção fílmica, bem como depois de tudo produzido e documentado. Uma delas foi quanto aos recursos financeiros, se levado em conta o tempo de pesquisa para uma produção desse gênero. Segundo Caio foram dois anos de visitas aos estados, o que demandou tempo e dinheiro. Depois foi a dificuldade de fazer com que as pessoas conhecessem o documentário, partindo do pressuposto que o documentário é um instrumento de mobilização, ele deveria chegar à população de alguma forma. Para isso Caio disse ter entregado várias cópias do filme para sindicatos, para juízes, inscrito o documentário em festivais nacionais, internacionais a fim de promover a discussão das cenas, bem como dos personagens e os problemas por eles enfrentados. “Tentar fazer com que o documentário não morra”, esse foi o intuito da equipe e dos diretores de “Carne e Osso”.



Produzir um documentário e fazer com que a proposta seja alcançada, transmitir ao público tudo o que se pensou desde o roteiro até as gravações de imagens é uma das tarefas mais difíceis – se levado em consideração que cada indivíduo tem a sua bagagem e receberá ou atribuirá à narrativa audiovisual diferentes olhares a partir do seu cotidiano. Para Cavechini a recepção do filme depende da hora, local, público. Aonde você irá assistir o documentário e com quem. O objetivo do filme, segundo ele, foi alcançado, que era justamente exibir um problema até então restrito a nichos da sociedade e expor ele para a sociedade.

A recepção é sempre uma coisa muito relativa, individual e depende do dia em que você me perguntar isso também. Tem vários tipos de recepção possíveis. Por que às vezes uma pessoa chega para outra ou uma mãe que chega para um filho, um filho que nunca deu valor ao trabalho da mãe que trabalha num frigorífico, às vezes a mãe leva o filho no cinema e fala ‘tá vendo? Essa é minha vida’. Isso já aconteceu! (Caio Cavechini em entrevista à pesquisadora no dia 01 de março)

A trajetória de divulgação e exibição do filme trouxe muitas surpresas aos diretores, momentos especiais, como revela Cavechini. Um deles, conta, foi em um festival de cinema na cidade de Gramado, quando sindicalistas apresentaram uma performance. Eles trouxeram uma pessoa fantasiada de frango que carregava outra em uma cadeira de rodas, justamente para mobilizar e chamar a atenção do público sobre o debate do filme. Para o diretor, ao avaliar os objetivos e alcance do documentário é possível considerá-lo um objeto ativo no processo de mobilização social. Cavechini considera que um documentário não deve partir do pressuposto de querer “mudar o mundo” e sim permitir que cada indivíduo tenha uma recepção pessoal sobre a realidade fílmica.

Eu acredito mais no poder individual. O bom documentário te faz olhar para um mundo que você não viu, ou te apresenta uma realidade que você não conhece, não somente no sentido informativo. Ele é sim um instrumento de mobilização social, mas acho que nem todo o documentário pode partir disso. O bom documentário, ele sempre vai causar um impacto pessoal em alguém, vai fazer a pessoa olhar a realidade ou a própria vida de outra maneira. Se o documentário é bom você sempre sai diferente do que era quando começou a ver. (Caio Cavechini em entrevista à pesquisadora no dia 01 de março de 2013)

Após todos os festivais, mostras, circuitos de exibição, universidades e sindicatos em que o filme “Carne e Osso” percorreu, ele foi objeto de discussão no Senado. O documentário provocou reflexões e debates que culminaram na criação de



uma nova Norma Reguladora (NR) sobre a temperatura média dos ambientes os quais trabalhadores das agroindústrias estão submetidos. Caio ressalta sobre um estudo pós-documentário realizado pelo diretor Juliano Barros com o intuito de “ouvir os dois lados”. Esse estudo, chamado “Moendo Gente”, produzido pela Ong Repórter Brasil, está publicado no site da ONG, trata-se de um amplo mapeamento sobre as condições de trabalho nas principais indústrias da carne no Brasil. Sobre o “Carne e Osso” não apresentar “o outro lado”, ou seja, a fala dos empregadores, Cavechini argumenta que a intenção dos diretores era relatar as histórias de trabalhadores nas agroindústrias e não justificar o problema desses trabalhadores. Segundo ele, não seria justo ‘fulanizar’ uma pessoa que fosse responder por todo aquele problema retratado no filme.

### **Os sujeitos e a recepção**

Os sujeitos desta pesquisa são trabalhadores de agroindústrias, aposentados ou não, previamente contatados. Através das associações de moradores foram mapeadas 26 pessoas, sendo 16 moradores do loteamento Jardim do Lago e 10 do loteamento Colina, ambos localizados no Bairro Efapi, em Chapecó. O Bairro Efapi atualmente é composto por pessoas de baixa renda que em sua grande maioria, segundo a “Pesquisa para intervenção no bairro Efapi”, monografia do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unochapecó, de Jocenei Francisco Ramos (2007), sobrevivem do trabalho nas agroindústrias concentradas na região, além dos mais variados comércios e outras atividades, como a coleta de material reciclável.

Os principais fatores de crescimento do Bairro Efapi são: a instalação de agroindústrias de maior porte e a instalação de uma Universidade. O último Censo (2010) realizado pelo IBGE registrou mais de 27 mil habitantes no bairro. Mesmo o bairro sendo grande, a pesquisa de Ramos indica que a infraestrutura é bastante precária, exceto no caso de energia elétrica e água que atinge 100% da população.

Os trabalhadores mapeados estão afastados do trabalho na agroindústria, alguns temporariamente e outros aposentados. Os participantes da pesquisa caracterizam-se pela migração principalmente do campo, alguns migraram ainda jovens para a cidade de Chapecó, com o interesse de trabalhar e “crescer na vida”, motivo pelo qual buscaram nas empresas frigoríficas o seu primeiro emprego. Muitos agricultores foram ou ainda são “agregados” dessas empresas, por esse motivo elas são referência no interior. A maioria desses trabalhadores não tem escolaridade para buscar outro trabalho e se sujeitam à linha de produção permanecendo por muitos anos na atividade sem qualquer expectativa de crescimento. Para as agroindústrias esses trabalhadores, cuja origem é a



agricultura, compõem mão de obra de excelência, já que são acostumados com o trabalho duro, perfil desejado pelas empresas.

No decorrer do mapeamento do grupo focal constataram-se vários perfis, tendo em vista situações semelhantes e suas respectivas justificativas para o problema apresentado. Sendo assim, foram mapeados os seguintes perfis:

- Trabalhadores aposentados por tempo de serviço, por atividade rural e ainda trabalhando em agroindústrias com idade superior a 50 anos, maior incidência do sexo masculino.
- Trabalhadores de frigoríficos aposentados por tempo de serviço, com idade entre 50 e 62 anos, maior incidência do sexo masculino.
- Trabalhadores afastados das atividades de agroindústrias, com idade entre 30 a 42 anos, maior incidência do sexo feminino.
- Trabalhadores aposentados por invalidez permanente, com idade de 30 a 43 anos, ambos os sexos.

A partir do primeiro cine-fórum realizado com cinco dos sujeitos mapeados foi possível interpretar a recepção de cada sujeito, tendo em vista suas comparações, percepções e aproximação com a realidade fílmica retratada. Neste primeiro momento, da realização de um cine-fórum, foram selecionados dois perfis: ex-trabalhadores de agroindústrias aposentados por tempo de serviço e ex-trabalhadores aposentados por invalidez permanente. Para evitar constrangimentos para os sujeitos que participaram do grupo focal suas identidades serão preservadas. Neste caso serão usados pseudônimos no relato da pesquisa.

- Trabalhador A: 55 anos, trabalhou dez anos no Frigorífico Chapecó e está aposentado há 12 anos por tempo de serviço. Casado. Sua esposa trabalhou durante 11 anos também no Frigorífico Chapecó no setor de estocagem. Ele trabalhou oito anos no carregamento e depois passou ao cargo de encarregado do setor de produção.
- Trabalhador B: 57 anos, trabalhou 17 anos na Sadia e está aposentado há sete anos por tempo de serviço. Casado. Sua esposa também trabalhou na empresa e compõe essa mostra sendo identificada como trabalhadora C. Ele começou no frigorífico trabalhando no carregamento, onde ficou por dois anos e depois 15 anos no abate de frangos.
- Trabalhadora C: 53 anos, trabalhou 17 anos na Sadia e está aposentada há dois anos por tempo de serviço. Casada com o trabalhador B. Ela trabalhava no setor de abate de frangos e já fez uma cirurgia no joelho.



- Trabalhadora D: 32 anos, trabalhou cinco anos na Sadia. Cinco anos afastada e está aposentada há um ano por invalidez permanente. Ela já fez três cirurgias na coluna, é casada e tem duas filhas, uma de sete e outra de 12. Trabalhava na linha de desossa.

- Trabalhador E: 43 anos, trabalhou nove anos na Sadia e está aposentado há cinco anos por invalidez. Ele trabalhava no setor de frangos, no abate. Foram oito anos e meio no mesmo setor. Acabou tendo uma paralisia em uma das pernas, teve de operar a coluna, entretanto recuperou apenas 20% dos movimentos do braço direito. Ele é casado e sua esposa trabalha no frigorífico há 17 anos.

Várias foram as temáticas abordadas pelos sujeitos no debate promovido após a exibição do documentário, tendo em vista a experiência fílmica aliada à realidade por eles vivenciada. O trabalhador A disse ter ficado “espantado” com a questão da rapidez da linha de produção relatada no documentário, disse que na época em que trabalhou no setor, há 12 anos, a linha de produção não era tão acelerada. Diferente da trabalhadora D que comentou trabalhar nas mesmas condições retratada no documentário: “Eu desossava em 14 segundos uma coxa e uma sobrecoxa. Eu trabalhava naquela função ali. No desosso de perna. É como mostrou ali, realmente”. O trabalhador A comentou que se o documentário “Carne e Osso” fosse exibido em convenções de preparação para futuros trabalhadores de agroindústrias, a metade ia embora. “Eu acho que esse filme se passasse quando tem integração, a metade desistia, ia para casa”.

Nesse sentido é revelador o depoimento da trabalhadora C: “Quando eu comecei em 1994 eram abatidos 73 mil frangos por turno. Quando eu saí já eram mais de 110/112 mil”. Ela conta que trabalhou durante 10 anos separando miúdos, três anos classificando patinha, mais quatro anos na inspeção de carcaça. Para a trabalhadora C:

O documentário mostra um pouquinho só do que é, se for ver a realidade do dia a dia. Não tem exagero, é isso ali e muito mais. Dali para pior. Não é falar mal, é falar a realidade. Quando eu saí de lá, eu já estava aposentada, mas eu já não estava trabalhando como antes, e daí até um dia eu falei para os meus colegas de serviço, há de ter um dia em que alguém veja e tome providência, porque está muito archoado para o funcionário, eles exigem demais e pagam pouco. As pessoas todas ali com dor, com sono, de dormir sentado. E daí estão sempre cobrando, sempre exigindo. (Em depoimento durante grupo focal realizado no dia 22 de março de 2013.)

O descaso das indústrias para com os empregados doentes também foi discutido entre os sujeitos. A trabalhadora D disse que por diversas vezes procurou o setor de saúde da empresa, porém foi tratada com o mesmo desprezo retratado no filme pela personagem Valdirene. Já a trabalhadora C lembrou que procurava trabalhar mesmo



com dor, justamente porque via outros colegas passando pela humilhação de ser insultado pelos profissionais da saúde. Esse tipo de situação também foi vivenciada pelo trabalhador E. Ele contou que precisou realizar cirurgia na coluna e necessitou antes do atestado da enfermagem da empresa, entretanto, ele também frisou o descaso a que são submetidos os trabalhadores que adoecem e primeiro devem passar pelo ambulatório da empresa.

A trabalhadora C trouxe para discussão a redução da velocidade na linha de produção quando são anunciadas fiscalizações. “É como ali no vídeo uma pessoa falou, quando tem as auditorias daí eles diminuem a velocidade, é verdade! Daí eles diminuem bem lentinho, pegam gente do outro turno pra ir lá ajudar. Quando têm as auditorias eles não veem, porque daí está tudo tranquilo”. Essa realidade também foi vivenciada pela trabalhadora D que disse por várias vezes que os supervisores pediam para que diminuíssem a velocidade quando não chamavam trabalhadores de outros turnos a fim de diminuir significativamente a velocidade. O documentário relata várias histórias de personagens que ficaram com membros do corpo inválidos em virtude da atividade repetitiva ou em razão de acidentes. Conforme a trabalhadora D tais acidentes são rotineiros e a empresa pede para que não comentem fora do ambiente de trabalho o que acontece lá dentro.

Outra situação relatada no documentário “Carne e Osso” e vivenciada pelos sujeitos participantes do grupo focal é relacionada às baixas temperaturas as quais os trabalhadores dos frigoríficos são submetidos. O trabalhador A e B disseram que o frio piora a dor nas pernas, braços e coluna no inverno. Marco contou que em um dia de inverno ele pediu para o encarregado se poderia desligar o ventilador, ele respondeu que não porque os frangos poderiam morrer, então o trabalhador A disse que comentou: “Então vamos fazer assim: ou tu desliga ou eu paro de descarregar porque os frangos vão para o abate e eu sou vivente aqui, sofro, me dá problemas nas juntas. E foi o que aconteceu tive problema nas juntas do braço, no fim eu não podia nem lá dentro trabalhar mais de dor por causa do frio, do esforço”.

A “sujeira” no local de trabalho, provocada pelo abate e corte de frangos, bovinos e suínos, evidenciada no documentário, foi comentada pela trabalhadora C que frisou ser essa a realidade. Segundo ela, enquanto trabalhava tinha direito de trocar os aventais uma vez ao dia, e o resto do tempo ficava com os aventais e roupas sujas. Sobre a ginástica laboral, exigida por lei, ela relata que não ocorria todos os dias e



quando era realizada, os funcionários não podiam sair do local de trabalho, rapidamente paravam para fazer os exercício de alongamento e logo retornavam ao trabalho.

Assim como os personagens do documentário, a trabalhadora C e o trabalhador B foram afastados da empresa por apresentar problemas de saúde e quando retornaram ao trabalho, voltaram para o mesmo setor. Ela relatou que ficou afastada durante cinco anos e quando voltou a colocaram na linha de produção novamente - o que agravou ainda mais o seu problema de coluna. Muitas vezes emocionada com a exibição do filme, a trabalhadora ainda conta que faz tratamento com psicóloga e psiquiatra justamente para aceitar a situação de ser tão nova e não ter condições de realizar nenhum tipo de esforço físico. Com 14 parafusos na coluna, duas hastes e dois conectores ela não trabalha mais.

Já o trabalhador B revela que sua esposa, que há 15 anos trabalha no frigorífico, também já apresentou problemas de saúde, no entanto tem medo “de entrar em depressão por ser ainda nova”. Durante os cinco anos em que está aposentado por invalidez, por duas vezes ele teve que recorrer ao tratamento psiquiátrico por estar com depressão.

Às vezes as pessoas, acham que a gente não tem nada. Ah, tá aposentado, é vadio. Mas se eu caminhar mais de um quilômetro já começo arrastar a perna, se eu começar a fazer qualquer atividade com o braço, perco a força. Qualquer coisa que eu comece a fazer em casa, já não consigo mais. (Em depoimento durante grupo focal realizado no dia 22 de março de 2013.)

Dos cinco sujeitos estudados, três tiveram problemas e necessitaram de um tempo de afastamento, e todos foram unânimes quando disseram sentir-se “abandonados” pela empresa, porque nesse período não receberam nenhum apoio moral, nenhuma visita ou manifestação de preocupação, apenas a trabalhadora C disse ter recebido visita domiciliar, entretanto conforme ela era apenas para saber se não estava realizando nenhum tipo de trabalho em casa que pudesse agravar ainda mais o problema.

A trabalhadora D pontuou na discussão o aumento de salário para os funcionários novos, assim como ela, os trabalhadores B e C disseram ter presenciado tal situação. Segundo eles os supervisores afirmavam ter que incentivar os novos para que permaneçam, tendo em vista que os “mais velhos” já estavam acostumados com o trabalho.



## **Considerações finais**

Tendo em vista que o principal objetivo desta pesquisa é estudar o documentário como objeto de mobilização social, partindo do pressuposto que cumpre o seu papel na sociedade como mídia cidadã, pode-se chegar a algumas considerações finais que estão muito longe de serem conclusivas. A partir do grupo focal, relatado neste artigo, é possível considerar que os indivíduos estudados no decorrer desta pesquisa, ou seja, os trabalhadores de agroindústrias em Chapecó conseguiram fazer acepções individuais do documentário, trazendo para a sua realidade, tendo em vista o seu cotidiano e a sua experiência de vida. Em várias situações os sujeitos se identificaram com os personagens apresentados no filme, viram projetadas as suas vidas e de pessoas que conhecem.

Eles demonstraram essa relação e identificação não apenas nos relatos e desabafos verbais, mas também nas expressões corporais durante a exibição do filme, sinais assertivos com a cabeça e na emoção manifestada. Como objeto de pesquisa o documentário pode contribuir para compreender melhor a relação do audiovisual com a mídia cidadã. Suas observações, aproximação e comparação com a realidade fílmica já provocam por si só uma mobilização intrapessoal. Levando-se em consideração as asserções sobre o mundo ou “o mundo” que Ramos cita em seu livro sobre documentário, cada sujeito realizou a sua asserção partindo de um problema comum entre os envolvidos.

Fernão Ramos argumenta que a definição do campo documentário não deve veicular-se a qualidade de verdade, realidade ou de objetividade. Portanto, tornar essas asserções sobre o mundo um instrumento de mobilização social é outro parâmetro a ser estudado. O que se pode concluir é que cada indivíduo dentro da sua comunidade, a partir da sua bagagem e repertório é capaz de inquietar a sociedade a fim de tornar público aquele problema que é comum entre todos.

O “se assistir” no documentário foi fundamental para realizar essas asserções, sabendo que cada personagem tem a sua história de vida, mas que se assemelha à realidade de muitos dos sujeitos apresentados no filme. Há uma forte identificação, mas esta não necessariamente gera uma “mobilização” no sentido da promoção de ações ou atitudes. É no campo da consciência, da percepção e da reflexão que o documentário provocou reações imediatas: emoção e indignação, logo contidas por um sentimento de impotência e conformismo. Os indivíduos que participaram do grupo focal expuseram sentimentos e histórias, mas não demonstraram interesse em levar a discussão adiante,



consideraram o documentário importante, mas não mostraram interesse em promover novas exibições ou discussões a respeito. É certo que são muitos os fatores em torno dessas reações, um amplo estudo dos contextos sociais, econômico e políticos é bem vindo para ampliar a compreensão e aprofundar estudos como esse.

### **Referências Bibliográficas**

- BARROS, José D'Assunção (Orgs). **Cinema-história: teoria e representações sociais no cinema**. 3.ed - Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. SP: Cia das Letras, 2003.
- COSTA, Maria Eugênia B. **Grupo Focal**. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.
- DA RIN, Silvio. **Espelho partido – tradição e transformação do documentário**. São Paulo: Azougue, 2004.
- GOLDSCHMIDT, Ilka; TORRESCASANA, Mariângela. **Mídia e cidadania: complexidade, impasses e desafios**. Projeto de Pesquisa de Longa Duração apresentado à Vice-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNOCHAPECÓ em maio de 2010.
- GROHMANN, Rafael do Nascimento. **Os estudos de Recepção Nos Últimos Trintas Anos: revisão e perspectivas**. XI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, Rio de Janeiro, mai. 2009.
- LABAKI, Amir. **Introdução ao Documentário Brasileiro**. São Paulo: Francis, 2006.
- LINS, Consuelo. **Filmar o real: Sobre o Documentário Brasileiro Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?**. São Paulo: SENAC, 2008.
- RAMOS, Jocenei Francisco. **Pesquisa de intervenção no bairro Efapi**. Monografia apresentada ao curso de Arquitetura, Unochapecó, 2007.
- SILAS, de Paula. **Estudos culturais e receptor ativo** In: RUBIM, Antônio Albino Canelas et al. **Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (Org.) **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. São Paulo: Summus, 2004.
- GUTFRIEND, Cristiane Freitas. **O filme e a representação do real**. in Revista da, in <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/90/90>, acessado em 06/07/2012.
- GODOI, Christian. **À luz com as massas midiáticas: o prazer como mediação no contexto da recepção**. In: Anais XII COMPÓS Recife (PE) 2003.in` [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1033.PDF](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1033.PDF), acessado em 05/11/2010.
- RIBEIRO, Carolina M.; MOREIRA, Rejane. **Documentário e Comunicação: construção de possibilidades**, in: XIV Congresso Intercom, 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0295-1.pdf>, acessado em 10/10/2013.
- PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes: conceitos e metodologias**, 2009. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf> acessado em 30/03/2013.
- ZANDONADE, Vanessa e FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**,2003. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>, acessado em 01/06/2012.

